

ENTROPIO BILATERAL EM CÃO – RELATO DE CASO

Bilateral Entropy in Dog - Case relate

Jennifer Munoz Grein¹, Lara Lacerda², Ana Carolina Andrade³, Gauber Luebke⁴, Vinicius Ferreira Caron⁵, Milton Mikio Morishin Filho⁶

Palavras-chave: Canina. Pálpebra. Blefaropalstia.

Introdução

Entrópio é a inversão pálpebral, uni ou bilateral, podendo ser de ocorrência genética, como no caso de Sharpei devido às dobras da face, ou por problemas oculares adquiridos como no caso de conjuntivite, úlceras de córnea ou prolapso da glândula da terceira pálpebra (Silva Junior, 2013). No caso da raça Sharpei, se manifesta antes das duas ou três semanas de idade, ou após, apresentando sinais clínicos como epífora, blefarospasmos, secreção ocular e conjuntivite (Silva Junior, 2013). Ocasionalmente o entrópio é uma afecção bilateral, mais frequente em cães e raramente em gatos, onde a porção lateral da pálpebra inferior é a mais afetada seguida pela pálpebra superior (Moraes Castro, 2015) Este trabalho tem por objetivo relatar um caso de blefaroplastia (correção cirúrgica) em entrópio congênito bilateral, bem como ressaltar a importância de se utilizar a técnica correta em sua realização, tendo como base o sucesso cirúrgico relatado.

Relato de caso

Uma fêmea canina da raça Sharpei, 14 Kg, 6 meses, não castrada, foi atendida na CEMV–UTP, com histórico de secreção ocular e quemose há dois meses. Ao exame oftalmológico, foi identificado entrópio bilateral. Foi realizado o tratamento com cloranfenicol, acetato de retinol, aminoácidos e metionina TID por dez dias, promovendo a epitelização e regeneração dos tecidos oculares lesados. Administrando tobramicina por sete dias, e limpeza ocular com solução fisiológica. Orientando assim, reavaliação em quatro meses para cirurgia. Após três meses, houve retorno apresentando a paciente dificuldade visual, excessiva e secreção ocular. Realizando blefaroplastia em áreas peri orbitais, superior e inferior bilateral conforme a técnica de Hotz-Celsus. Iniciando o procedimento na margem inferior e posteriormente região superior. Primeiramente, com auxílio de pinça anatômica, estende-se a pele na área do entrópio, avaliando o tamanho da elipse que será removida. Na margem palpebral inferior, realiza-se incisão formato de meia lua com distanciamento

1 Curso de Medicina Veterinária – UTP

2 Curso de Medicina Veterinária – UTP

3 PAP - UTP

4 PAP - UTP

5 Professor Orientador, UTP

6 Professor Orientador, UTP

da margem palpebral de 2 a 3 cm, realizando a remoção através de preguçamento com tesoura Metzenbaum. Finalizado com síntese, a partir da região central, sutura em padrão interrompido simples através de nylon 4-0 com o nó simples invertido, causando menor reação tissular. Realizando o mesmo procedimento na margem superior. Fora prescrito no pós-operatório a administração de meloxicam 0,1 mg/kg/VO e tramadol 3mg/kg/VO por 5 dias, gatifloxacino 0,3 mg/ml QUID por 10 dias. Indicando colar elizabetano, para evitar autolesões.

Resultados e discussão

Segundo Fossum (2014), a seleção da técnica reconstrutiva fundamenta-se conforme a espécie animal, gravidade e posição da anormalidade, considerando os índices de sucesso com menores complicações necessitam de trauma tecidual mínimo, ressecção tecidual acurada e boa hemostasia. Em casos de entrópio crônico ou recidivante, é mais comum para blefaroplastia definitiva adaptações da técnica de Hotz- Celsus, obtendo 94 % de sucesso (Fossum, 2014). Entre 4 a 6 meses, adquiridos ou congênitos, ou até espástico é utilizado o método de Hotz Celsus, incisando a pele em formato de meia lua, com margem palpebral entre 2 a 3 mm, acima e abaixo do entropio. Através de pinças Halsted ou Crille, comprimindo a área excisada, e posteriormente formando prega cutânea excisando com tesoura romba. Quanto mais larga a faixa, maior a eversão palpebral. A sutura iniciando desde o centro, a partir de fio seda 5-0 ou 6-0 ou fio mononylon 4-0, tendo 2mm de afastamento e padrão interrompido simples. Removendo os pontos após 10 a 14 dias, tratando com pomada antibiótica ocular e na ferida BID, além de colar elizabetano impedindo autolesões (Lusa, 2016). Conforme o correspondente relato. Esta técnica, como procedimento mais comum é indicada em cães que não atingiram maturidade cutânea facial. Havendo possíveis complicações cirúrgicas de supercorreção e a subcorreção, podendo haver necessidade de uma nova cirurgia corretiva, principalmente em animais em crescimento (Lusa, 2016).

Conclusão

O respectivo relato certifica que conforme o grau de comprometimento congênito do entrópio foi possível atingir sucesso terapêutico com blefaroplastia em margem palpebral inferior e superior, sem sinais de supercorreção e a subcorreção.

Referencias

- LUSA, T. F. Entrópio bilateral: breve revisão. PUBVET, Londrina, V. 4, N. 10, Ed. 115, Art. 777, 2010.
- SILVA JUNIOR, J. I. Técnica NBN para correção cirúrgica de entropio em animais pequenos. XIII JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – JEPEX 2013 – UFRPE: Recife, 09 a 13 de dezembro.
- MORAES CASTRO, R. U. Cirurgias reconstrutivas do sistema tegumentar com ênfase na blefaroplastia. Instituto Equalis de Pós Graduação, 2015.
- FOSSUM, T. W. Cirurgia de pequenos animais, 4ª edição.